

EXPRESSO (/EXPRESSO/)

Qual o tamanho da tensão entre Bolsonaro e seus apoiadores fiéis

Isabela Cruz 06 de out de 2020 (atualizado 06/10/2020 às 22h59)

O ‘Nexo’ conversou com um cientista político e uma antropóloga sobre as recentes manifestações contra o presidente, que partem não da oposição, mas do seu eleitorado

TEMAS**POLÍTICA**
(/TEMA/POLÍTICA)**SOCIEDADE**
(/TEMA/SOCIEDADE)**BRASIL**
(/TEMA/BRASIL)

FOTO: ADRIANO MACHADO/REUTERS - 28.JUN.2020



📷 APOIADORA DO PRESIDENTE, DURANTE PROTESTO EM BRASÍLIA

Jair Bolsonaro tem sido contestado nas redes sociais, e não é pela oposição. Usando hashtags como “BolsonaroTraidor” e “decepção”, apoiadores declarados do presidente criticam uma série de condutas (<https://oglobo.globo.com/brasil/visita-de-bolsonaro-toffoli-expoe-crise-na-base-ideologica-com-indicacao-ao-stf-1-24676617>) que se chocam com a antipolítica que caracterizava o discurso presidencial.

Nos primeiros dias de outubro de 2020, Bolsonaro mostrou intimidade com dois ministros do Supremo: Dias Toffoli e Gilmar Mendes, figuras que, no primeiro semestre, eram atacadas nas faixas de manifestações bolsonaristas (</expresso/2020/04/20/Qual-o-impacto-político-da-atitude-radicalizada-de-Bolsonaro>), com pedidos de intervenção militar e até prisão de membros do tribunal. Naqueles meses, o próprio presidente atacava o Supremo e fazia ameaças de ruptura institucional.

A aproximação atual se deu em meio à indicação de Kassio Nunes Marques (</expresso/2020/10/01/Como-a-escolha-para-o-STF-afasta-Bolsonaro-ainda-mais-da-Lava-Jato>) para uma vaga na corte máxima do país, a ser aberta em 13 de outubro com a

aposentadoria do decano Celso de Mello. Gilmar Mendes recebeu Bolsonaro e Nunes Marques em casa, na articulação para a escolha do desembargador federal. O presidente depois foi recebido por Dias Toffoli, também em casa, para tratar do mesmo tema. Recebeu um abraço efusivo.

A boa relação com integrantes do Supremo vem se somar às negociações de Bolsonaro (</expresso/2020/05/07/O-que-é-o-Dnocs.-E-qual-o-histórico-da-autarquia-federal>) com o centrão, grupo de parlamentares de vários partidos que costumam agir juntos para obter espaço na máquina pública, independentemente do presidente que esteja no cargo. Bolsonaro antes rejeitava o centrão, condenava o “toma-lá-dá-cá” com o Congresso, mas acabou aderindo à prática de distribuição de cargos em troca de apoio em meio a um governo instável, ameaçado de impeachment e até então com pouca articulação política.

Kassio Nunes Marques une esses dois setores considerados adversários do bolsonarismo. De Gilmar Mendes e Dias Toffoli, que apoiam a indicação do desembargador, ao centrão, que também aprovou a escolha. O senador Ciro Nogueira, presidente do Progressistas e piauiense como Nunes Marques, comemorou a indicação (https://twitter.com/ciro_nogueira/status/1311354693113741314) . Nogueira é alvo da Lava Jato, operação anticorrupção que ajudou a impulsionar a eleição de Bolsonaro em 2018.

“O presidente virou cabo eleitoral e advogado de indicado STF [...]. O presidente não pode descer a esse nível, é ridículo (https://www.youtube.com/watch?v=nV8zvH-EA_8), é ridículo. E outra, as questões que estamos querendo saber: não foram faladas, estão desviando o foco. Ideologia de gênero, o aborto, [...] casamento gay [...]. Era isso que o presidente devia estar falando”

Silas Malafaia

líder da igreja evangélica Assembleia de Deus e apoiador de primeira hora de Bolsonaro, em vídeo no YouTube de 5 de outubro de 2020

Malafaia, na declaração acima, reproduz algumas agendas a que Bolsonaro tem dado menos destaque no momento. Agendas essas que são ligadas a Olavo de Carvalho, polemista influente no Palácio do Planalto que tem vários adeptos empregados no governo. Carvalho costuma reagir quando seu grupo perde espaço.

Isso aconteceu diante de sinalizações favoráveis do presidente à chamada “ala militar” do governo em 2019. Acontece agora com a indicação de Nunes Marques para o Supremo.

“Se o presidente está fraco
(<https://twitter.com/opropriolavo/status/1313436784219566081>)
) ao ponto de só poder
conservar o seu mandato se
desistir de toda luta
anticomunista, é estupidez
imaginar que ele terá mais
liberdade de ação num
segundo mandato”

Olavo de Carvalho

escritor, polemista e uma espécie
de guru de parte do eleitorado
bolsonarista, em tweet no dia 6 de
outubro de 2020

Uma das queixas dos bolsonaristas se deve ao fato de Nunes Marques ter sido nomeado em 2011 para a vaga de desembargador federal pela então presidente Dilma Rousseff. Advogado, ele foi escolhido a partir do critério do quinto constitucional (que reserva vagas em tribunais para membros do Ministério Público e da advocacia), a partir de uma lista feita pela OAB (Ordem dos Advogados do Brasil) e depois afunilada pelo próprio TRF (Tribunal Regional Federal).

A sequência de afagos

VISITA A GILMAR MENDES

Bolsonaro esteve na casa do ministro Gilmar Mendes, do Supremo, no dia 29 de setembro, acompanhado do desembargador Kassio Nunes Marques e do presidente do Senado, Davi Alcolumbre (DEM-AP). O ministro Dias Toffoli também estava lá. Segundo Toffoli, Bolsonaro [anunciou](https://g1.globo.com/politica/blog/gerson-camarotti/post/2020/09/30/bolsonaro-visita-gilmar-mendes-para-apresentar-kassio-nunes-para-vaga-do-stf.ghtml) (<https://g1.globo.com/politica/blog/gerson-camarotti/post/2020/09/30/bolsonaro-visita-gilmar-mendes-para-apresentar-kassio-nunes-para-vaga-do-stf.ghtml>) que iria indicar Nunes Marques a uma vaga na corte constitucional.

INDICAÇÃO PARA O SUPREMO

Na quinta-feira (1), o presidente [confirmou a escolha](/expresso/2020/10/01/Como-a-escolha-para-o-STF-afasta-Bolsonaro-ainda-mais-da-Lava-Jato) (</expresso/2020/10/01/Como-a-escolha-para-o-STF-afasta-Bolsonaro-ainda-mais-da-Lava-Jato>) de Nunes Marques durante uma live nas redes sociais. O presidente tem defendido o desembargador,

assim como suas relações políticas: “Acusam ele de comunista. ‘Ah, ele trabalhou com o PT’. O Tarcísio [de Freitas, ministro da Infraestrutura] trabalhou também com o PT. Parece que o ministro da Defesa [general da reserva Fernando Azevedo] também trabalhou com o PT. Um montão de militar (<https://brpolitico.com.br/noticias/comeca-corpo-a-corpo-de-kassio-em-gabinetes-no-senado/>) aqui serviu no governo do PT”.

PIZZA COM DIAS TOFFOLI

No sábado (3), Bolsonaro foi a casa de Dias Toffoli, ministro do Supremo. “Foi uma confraternização”, disse o ministro. Também estavam presentes Kassio Nunes Marques, Davi Alcolumbre e Raul Jungmann, que foi ministro da Segurança Pública no governo Michel Temer. Segundo a assessoria de Alcolumbre, o motivo do encontro foi assistir a uma partida de futebol (<https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,indicado-ao-stf-kassio-marques-se-encontra-com-bolsonaro-na-casa-de-toffoli,70003462745>).

ARTICULAÇÃO COM MAIA

Na segunda (5), o presidente recebeu Rodrigo Maia (DEM-RJ), presidente da Câmara dos Deputados, no Palácio Alvorada para um café da manhã. Também estiveram lá o senador Márcio Bittar (MDB-AC) e o ministro do Desenvolvimento Regional, Rogério Marinho (sem partido). O assunto do encontro foi o programa de assistência social Renda Cidadã, que o governo pretende lançar. Maia também costumava ser atacado por bolsonaristas, nas ruas e na internet.

O distanciamento das bandeiras de campanha

Bolsonaro foi eleito com um discurso que prometia um governo de valores religiosos e conservador nos costumes. Um discurso que defendia o armamento da população, a Operação Lava Jato e uma política liberalizante na economia. A chamada “velha política”, a esquerda, um comunismo imaginário e “todos os ativismos” eram apontados como inimigos.

Com o passar do mandato, alguns desse pilares ruíram. Sergio Moro, juiz da Lava Jato que deixou a magistratura para virar ministro da Justiça de Bolsonaro, saiu do governo acusando o presidente de tentar interferir politicamente na Política Federal para proteger aliados (</expresso/2020/05/17/7-chaves-para-entender-as-suspeitas-de-interferencia-na-PF>).

O discurso anticorrupção de Bolsonaro também foi questionado por outros movimentos, como a escolha de um procurador-geral da República. Augusto Aras não fazia parte de uma lista sugerida pelo Ministério Público Federal, o que levantou suspeitas de falta de independência (</expresso/2020/05/31/Aras-é-governista-A-atuação-do-procurador-geral-sob-análise>) do escolhido em relação ao presidente.

Ao mesmo tempo, suspeitas de desvios de dinheiro público avançaram sobre o filho mais velho de Bolsonaro, o senador Flávio (Republicanos-RJ), no caso das rachadinhas. Também vieram a público depósitos de Fabrício Queiroz na conta da primeira-dama (</expresso/2020/08/07/Os-cheques-de-Queiroz-que-foram-parar-na-conta-da-primeira-dama>) Michelle Bolsonaro. Queiroz é ex-assessor de Flávio na Assembleia do Rio, amigo do presidente e apontado como operador do esquema.

Na área econômica, o ministro Paulo Guedes, considerado um avalista de Bolsonaro junto ao mercado financeiro, foi perdendo cada vez mais espaço (</expresso/2020/08/27/Quais-os-sinais-de-desgaste-de-Paulo-Guedes-no-governo>). Por outro lado, militares do governo e o ministro do Desenvolvimento Regional, Rogério Marinho, ganharam mais projeção a partir de planos de expansão do gasto público.

O pagamento do auxílio emergencial durante a pandemia do novo coronavírus, cujo valor inicial foi definido em R\$ 600 a partir de uma articulação do Congresso diante de uma hesitação da equipe econômica, ajudou, inclusive, a aumentar a popularidade do presidente e a impulsionar suas pretensões de reeleição em 2022. Antes, quando era deputado, Bolsonaro costumava ser crítico de programas sociais (<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2019/10/17/antes-de-ampliar-bolsa-familia-bolsonaro-defendeu-fim-do-beneficio.htm>).

Duas análises sobre o momento de Bolsonaro

O **Nexo** conversou com dois professores sobre as críticas que Bolsonaro tem recebido do seu próprio eleitorado: de que grupos elas partem, como elas afetam a sustentação política do presidente e como ele reage a isso. São eles:

Jorge Chaloub, doutor em ciência política e professor da UFJF (Universidade Federal de Juiz de Fora)

Isabela Kalil, doutora em antropologia e professora da Fespsp (Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo)

Bolsonaro se afastou do lavajatismo, se aproximou de antigos atores da política e adotou medidas sociais antes criticadas, que dão inclusive impulso a sua popularidade. Como isso impacta a relação com os bolsonaristas-raiz?

JORGE CHALOUB Bolsonaro sempre cultivou a radicalidade como um dos elementos centrais da sua imagem, marcada por sinais de uma rejeição irrestrita do “sistema político”, dos seus principais protagonistas e da própria ordem criada pela Constituição de 1988. A recusa total do passado recente alcançava as políticas sociais, retratadas como ineficientes e corruptas.

A ausência de uma base social mobilizada para uma aventura golpista imediata e a tolerância da direita tradicional com seus arroubos antidemocráticos, quase sempre naturalizados, acabaram por tornar mais viável um caminho de conciliação, marcado por acordos com uma elite política que não se restringe ao centrão, mas inclui grande parte do Judiciário, do Congresso e do empresariado.

Por outro lado, o presidente viu nas políticas sociais a possibilidade de aumentar sua popularidade em classes nas quais tinha menor apoio. E essas políticas, a depender do discurso que as cerca, podem afetar a base mais fiel por sua possível identificação com os governos petistas. A imagem do “cidadão de bem que paga seus impostos e não depende do governo” era um tipo ideal de eleitor cultivado por certa base bolsonarista. Mesmo que ele se restrinja ao discurso, há um papel simbólico importante nesse personagem, que se opunha ao “petista sustentado pelo governo”.

Por mais que alguns tendam a manter a simpatia ao governo, certamente muitos verão o presidente como um traidor, que mudou seu discurso e se “vendeu” ao sistema. Isso pode até mesmo abrir espaço para outras lideranças mais radicalizadas, sem grande possibilidade de repetir o sucesso de Bolsonaro, mas capazes de minar sua base. Trata-se de fenômeno comum na trajetória de políticos que chegam ao poder com promessas semelhantes às do presidente, como é o caso de Donald Trump [presidente dos Estados].

ISABELA KALIL Há um descontentamento, é verdade, dos olavistas e dos religiosos, mas ainda precisamos esperar os desdobramentos disso para saber se essas bases vão se fragilizar efetivamente. Essa base mais fiel se formou antes do processo das eleições presidenciais [de 2018]. São eleitores que acompanham Bolsonaro, alguns, desde 2010, 2011. Não é que ela não possa ser desfeita, mas, hoje, não há um candidato que conseguiria satisfazer às aspirações desse grupo mais radical. A base mais fiel já encontrou em Bolsonaro a figura de alguém que está prometendo jogar fora do jogo democrático.

Para essa base mais fiel, um dos fatores que mais pesam é a ideia, por exemplo, de que Bolsonaro não estaria controlando [de forma antidemocrática] o Congresso, de que ele estaria se sujeitando à Suprema Corte, como já foi a percepção em meados de 2019. Essa posição mais antissistema e contrária às instituições é o que importa mais. Nesse sentido, não é nem uma questão de pensar só a aproximação com o centrão, é de pensar a relação com o Congresso como um todo e a questão do equilíbrio dos três

Poderes. Bolsonaro prometeu uma ideia de que o Executivo poderia colocar rédeas nos outros Poderes, ou não se sujeitar a esse equilíbrio.

Minha análise é que o descontentamento hoje é mais expressivo na base que já não era a sua base mais fiel, a dos lavajatistas. São grupos ligados à pauta anticorrupção que não compunham essa base originária e que mais facilmente podem passar a apoiar outro candidato. Com a saída de Moro, já houve um movimento [de desaprovação de Bolsonaro entre seus eleitores], mas ele tinha ficado um pouco mais contido. Estávamos em um contexto excepcional, com a pandemia, as mudanças no Ministério da Saúde. Agora, já num outro contexto da pandemia, essa mobilização, tendo como ápice a indicação [de Kassio Nunes Marques] para o STF, a impressão que eu tenho é que existe um acúmulo de insatisfações que finalmente estão, de certa forma, sendo colocadas para fora.

O que caracteriza o eleitorado mais raiz de Bolsonaro e por que esse grupo tem mostrado insatisfação? De que depende sua permanência na base do governo?

JORGE CHALOUB Ainda é necessário algum esforço para definirmos de modo mais preciso o eleitorado “raiz” de Bolsonaro, mas já se avançou nesse terreno. Várias pesquisas apontam que há uma diversidade de perfis dos seus apoiadores, que incluem desde moderados, muitos deles marcados pela repulsa ou desilusão frente ao “sistema” e à “esquerda”, até radicais de tipos bem distintos, como neointegralistas, reacionários de diversas crenças religiosas e ultraliberais.

Todos podem reagir de forma negativa à moderação do presidente, pois ele tinha na imagem de um “político diferente”, marcado mais pela sinceridade que pelo cálculo, um dos seus traços mais populares. Mas os grupos mais radicais tendem a ser mais sensíveis [às mudanças de Bolsonaro]. Por mais que eles sejam menos relevantes numericamente, não se pode desprezar sua capacidade de fazer barulho e produzir impacto, sobretudo nas redes sociais.

É verdade que o presidente hoje tem os amplos recursos que a Presidência lhe fornece e pode, com isso, construir uma nova base de apoio. Mas é provável que ele tente renovar seus apoiadores e busque, ao mesmo tempo, segurar os eleitores mais radicais com movimentos que os agradem. Bolsonaro é habilidoso em construir uma imagem que não se preocupa com a coerência, mas em agradar a perfis diferentes, que a princípio divergiriam em muitos temas. Por outro lado, não será uma tarefa simples, pois a imagem antissistema, uma vez abalada, é difícil de ser resgatada. Erros de percurso podem fazer Bolsonaro perder o que tinha sem ganhar o que desejava.

ISABELA KALIL No caso de Bolsonaro, temos algumas estimativas de que [esses eleitores mais fiéis] são em torno de 10% do eleitorado dele. É o eleitorado relacionado a posições claramente

antidemocráticas, anti-direitos humanos e de apoio a forças de segurança. E parte deles têm uma vertente religiosa. Para esse grupo, não se trata de escolha ruim para a Suprema Corte, mas sim de que a Suprema Corte deveria estar fechada, com o impeachment de todos os ministros etc. É um grupo que não ataca figuras ou partidos específicos. Ataca as próprias instituições.

Perder o apoio dessa base tem um impacto maior [na sustentação do presidente] na esfera pública [do que perder, por exemplo, o apoio dos lavajatistas]. Quantitativamente o presidente perde menos, porque o grupo é minoritário na sua base, mas qualitativamente perde mais. Porque essa base não se manifesta apenas no voto. Ela se manifesta atacando potenciais adversários políticos [de Bolsonaro] e mantendo a campanha eleitoral de Bolsonaro mesmo em 2020 [quase dois anos depois das eleições]. Ele se beneficiou muito do apoio desse grupo, e o que ele puder fazer para o manter, pelo menos olhando sua trajetória, ele muito provavelmente continuará fazendo.

A questão é que Bolsonaro está pressionado do ponto de vista político e legal, então ele precisa pensar na sua autopreservação. Isto é, ele não está fazendo um cálculo político livre. Há investigações chegando perto de sua família, de seus filhos. Então ele precisa estabelecer uma relação com o Judiciário de modo que ele não fique encurralado e, ao mesmo tempo, encontrar formas de manter o eleitorado mais fiel. Ele pode desagradar às outras bases, mas a essa não.

VEJA TAMBÉM

[EXPRESSO \(/EXPRESSO/\) Como a escolha para o STF afasta Bolsonaro ainda mais da Lava Jato \(/expresso/2020/10/01/Como-a-escolha-para-o-STF-afasta-Bolsonaro-ainda-mais-da-Lava-Jato\)](#)

 The Trust Project

[\(https://thetrustproject.org/\)](https://thetrustproject.org/)

[SAIBA MAIS](#)